



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

Natália da Silva Rasina

Raising the flag on iwo jima: uma análise sobre seus usos e contextos.

Rio de Janeiro
2019

Natália da Silva Rasina

Raising the Flag on Iwo Jima: uma análise sobre seus usos e contextos.

Monografia apresentada ao curso de graduação em Arquivologia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Orientador: Prof. Bruno Leite.

Rio de Janeiro
2019

Natália da Silva Rasina

Raising the Flag on Iwo Jima: uma análise sobre seus usos e contextos.

Monografia apresentada ao curso de graduação em Arquivologia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Me. Bruno Leite.

Profa. Dra. Anna Carla Almeida Mariz.

Profa. Me. Thayane Vicente Vam de Berg.

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais, Lucia Rasina e Julio César, que sempre me apoiaram e me ajudaram a alcançar meus objetivos, e se esforçaram para que eu pudesse ter uma boa formação, em especial a minha mãe que foi uma das pessoas que me incentivaram a fazer Arquivologia. Agradeço também ao meu orientador Prof. Bruno Ferreira Leite, que teve paciência em me orientar nas diversas tentativas de escrever esse trabalho e me ajudou a construí-lo, sempre prestativo com minhas dúvidas e buscas por referências, muito obrigada por tudo.

Agradeço também a UNIRIO, e aos professores que conheci nessa caminhada, em especial Marcelo Siqueira, com aulas fantásticas que me fazia querer estudar Paleografia nos domingos à noite e fez aumentar mais ainda o meu amor pelos documentos fotográficos, professor Franklin que no primeiro semestre deu uma palestra sobre o curso que contagiou a mim e acredito que a todos da turma com a sua paixão pela Arquivologia, ao professor João Marcus, Rosale Souza, Fernanda Monteiro, Flavio Leal, Patrícia Penna, Sergio Albite, Eliezer Pires, Brenda Rocco, professores incríveis que de uma forma ou outra foram essenciais para a minha graduação.

Aos meus amigos dentro e fora da UNIRIO que me deram o apoio necessário para continuar nessa caminhada.

Por fim agradeço ao meu namorado Rafael Martins, que sempre esteve ao meu lado, pelo suporte, paciência e incentivo para concluir esse trabalho, me desculpa por alguns estresses, muito obrigada. Te amo.

Quem controla o passado controla o futuro;
Quem controla o presente controla o passado.

George Orwell, 1984, página 47.

Resumo

Este presente trabalho tem como objetivo avaliar as diferentes ressignificações de anos atrás e atualmente da fotografia “*Raising the Flag on Iwo Jima*”, além de avaliar os usos dessa imagem e conhecer a história por trás dessa fotografia. Pretendemos também analisar as definições dos conceitos de fotografia, memória e representação social.

Palavras chave: Fotografia; Memória; Representação social; Ressignificação social; Raising the flag on Iwo Jima.

Abstract

This work aims at evaluating the different resignifications of years ago and now of the photograph "*Raising the Flag on Iwo Jima*", besides evaluating the uses of this image and knowing the history behind this photograph. We also intend to analyze the definitions of the concepts of photography, memory and social representation.

Keywords: Photography; memory; Social Representation; Social Resignification; Raising the flag on Iwo Jima.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Quadro de Espaço de Estudos das Representações sociais.....	26
Figura 2 - Fotografia Raising the Flag on Iwo ima.....	28
Figura 3 - Fotografia “Gung-Ho” tirada por Joe Rosenthal.....	33
Figura 4 - Fotografia tirada por Louis Lowery registrando o hasteamento da Primeira bandeira.....	33
Figura 5 - Nomes dos soldados que de fato apareceram na fotografia.....	35
Figura 6 - Negativo da Fotografia “Raising the Flag on Iwo Jima”	37
Figura 7 - Capas dos filmes.....	37
Figura 8 - Selo de 3 Cent.....	40
Figura 9 - Pôster para arrecadar fundos para a guerra.....	40
Figura 10 - Pôster para arrecadar fundos para a guerra (2)	41
Figura 11 - Memorial de guerra do Corpo de Fuzileiros Navais.....	42
Figura 12 - Memorial Localizado no Monte Suribachi em Iwo Jima.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 SOBRE MEMÓRIA.....	10
2.2 SOBRE FOTOGRAFIA	12
2.3 SOBRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	12
3 FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL	13
4 FOTOGRAFIA, USOS E RESSIGNIFICAÇÕES	28
4.1 A HISTÓRIA E O CONTEXTO DA FOTOGRAFIA “RAISING THE FLAG ON IWO JIMA	28
4.2 A FOTOGRAFIA NOS DIAS ATUAIS	35
4.3 FILMES SOBRE A FOTOGRAFIA	37
4.4 USOS DA IMAGEM	39
4.5 RESSIGNIFICAÇÕES	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

A foto *Raising the Flag on Iwo Jima* foi tirada por Joe Rosenthal em 23 de Fevereiro de 1945 no topo do monte Suribachi no Japão logo após os americanos terem vencido a batalha contra os japoneses. O objetivo da invasão desta ilha era a captura dos campos de pouso que estavam sob domínio japonês. Logo que os fuzileiros americanos chegaram à ilha eles encontraram dificuldades em se locomover com os veículos, as areias pretas da praia acabavam imobilizando-os, a artilharia japonesa permaneceu em silêncio com a chegada dos inimigos para não revelar sua posição, porém quando os norte-americanos avançaram 500 metros¹ foram surpreendidos pelo poder de fogo dos japoneses que acabou matando dezenas de soldados. Mesmo assim os americanos continuaram avançando, e no dia 23 de fevereiro o cume foi alcançado. O fotógrafo tirou a foto quando os soldados estavam fincando a bandeira pela segunda vez no monte, a fotografia acabou sendo utilizada pelo governo em propagandas pedindo apoio à guerra e foi publicada em diversos jornais do mundo. Ela também serviu como modelo para o monumento Marine Corps War Memorial nos Estados Unidos².

Pretendemos nesse trabalho, analisar os contextos e usos da fotografia “Raising the Flag on Iwo Jima” na época em que foi tirada e nos dias atuais, observando as diferentes interpretações desse objeto com o passar dos anos. Também iremos analisar conceitos como memória, fotografia e representação social. O objetivo desse trabalho é analisar os diferentes usos e ressignificações dessa fotografia icônica na década de 40 e nos dias atuais.

Fotografias são extremamente importantes para mostrar uma parte da história, ou um acontecimento significativo, podendo tornar como prova fatos que só existiriam na memória. Hoje em dia é produzido um número de fotografias infinitamente superior do que em décadas atrás. De acordo com Stephen Heyman (2015)³, nos anos 2000 a

¹ Fonte: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/batalha-de-iwo-jima-2-o-significado-da-ocupacao-da-ilha-pelos-eua.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2017

² Fonte: <<http://meiobit.com/310623/raising-flag-iwo-jima-70-anos-de-uma-das-imagens-mais-conhecidas-seculo-xx/>> Acesso em: 23 nov. 2017

³ Fonte: <<https://mobile.nytimes.com/2015/07/23/arts/international/photos-photos-everywhere.html?referer=https://www.google.com.br/>> Acesso em: 02 dez. 2017

Kodak anunciou que consumidores do mundo todo haviam tirado 80 bilhões de fotos, e os números não pararam de crescer, a projeção para 2017 era aumentar em até 1,3 trilhões de fotos, portanto, faz-se necessário um estudo sobre o assunto acerca dos usos das imagens além do seu significado original, pois as fotografias podem ter diversas interpretações em diferentes contextos, como disse Rafael Sêga (2000, p.132) “as representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro”. Observa-se também uma carência de estudos sobre esse tema na área de arquivologia. Procuramos no software Citavi que gerencia referências e não obtivemos grandes resultados e acreditamos que é necessário mostrar a importância dos usos dessas fotografias em décadas atrás e nos dias atuais e como elas são uma representação da memória de seu tempo.

O procedimento metodológico deste trabalho foi uma abordagem qualitativa, Segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2009, p.21)

Utilizamos como método a revisão de literatura, onde pretendemos analisar a produção bibliográfica acerca do tema.

De acordo com Noronha e Ferreira:

Trabalhos de revisão são estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico. (NORONHA; FERREIRA, 2000, p. 191-192)

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Sobre Memória

Michael Pollak (1989) trata sobre memória coletiva, que ao definir o que é comum a um grupo e o que é diferente a ele, reforça os sentimentos de pertencimento desse grupo. Ele cita Halbwachs dizendo que “a nação é a forma mais acabada de

um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva.” (POLLAK, 1989, p.3)

Pollak (1989) também trata sobre memórias subterrâneas, memórias essas que ficaram confinadas ao silêncio durante muitos anos aflorando em momentos de crises e sendo transmitidas oralmente de geração a geração sem nunca serem esquecidas se opondo à memória oficial, no caso a memória nacional.

Pollak (1989) aborda o conceito de memória enquadrada, um termo mais específico que a memória coletiva, onde é necessário manter a coesão interna e defender as fronteiras do que um grupo tem em comum; os rastros do trabalho de enquadramento são os museus, bibliotecas, arquivos, monumentos e etc. O autor cita o filme como melhor suporte para o enquadramento da memória, pois ele não apenas se dirige às capacidades cognitivas, mas também às emoções.

Segundo Pierre Nora:

O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar. A “memória de papel” da qual falava Leibniz tornou-se uma instituição autônoma de museus, bibliotecas depósitos, centros de documentação, bancos de dados. (NORA,1993, p.15)

Paolo Jedlowski (2005) aborda sobre a memória comum, que não é a memória de um grupo, mas sim a memória de um agregado de pessoas que não se conhecem, mas se recordam das mesmas coisas porque viram na televisão, leram nos jornais ou escutaram no rádio, etc.

Paolo Jedlowski diz que:

Os meios de comunicação de massa permitem o deslocamento de imagens do passado, tornando-as destacáveis de lugares específicos e libertas dos constrangimentos da interação face a face. Isto significa que tais imagens tornam-se recursos para a construção da realidade por vários grupos, cujas identidades e memórias coletivas emergem e são transformadas em razão de novas possibilidades oferecidas por este passado mediado. (JEDLOWSKI, 2005, p.91)

Jedlowski diz que os meios de comunicação de massa podem construir memórias:

Meios de comunicação de massa e gêneros da mídia específicos, assim como a mídia de uma maneira geral, produzem materiais que podem ser memorizados e materiais através dos quais o passado vem ser representado. Assim, eles realmente constroem memórias. (JEDLOWSKI, 2005, p. 92)

2.2 Sobre Fotografia

Walter Benjamin no texto "Magia e Técnica, Arte e Política" nos conta um pouco sobre a trajetória da fotografia, como foi criada e desenvolvida. Segundo Walter Benjamin: " Na fotografia surge algo de estranho e de novo [...] preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo Hill, algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na "arte"" (BENJAMIN, 2012, p.93)

A fotografia preserva seu modelo, ou um momento, fazendo com que não seja extinto, que seja lembrado, o problema é quando essas memórias são reescritas, dando novos significados a fotografia, a foto do Che Guevara intitulada "Guerrilheiro Heroico" por exemplo foi tirada apenas para ser matéria para um jornal e acabou tornando-se símbolo de uma revolução e mais para frente tornou-se, também, estampas para camisetas, acabou sendo esquecido, em parte, o seu teor histórico ligado a seus primeiros significados.

2.3 Sobre Representação Social

Para Rafael Sêga (2000, p. 132) "[...] todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações."

Como que afirmando a posição de Serge Moscovici, citado por Rafael Sêga (2000, p.132) "não só as nossas imagens do mundo social são um reflexo dos eventos do mundo social, mas os próprios eventos do mundo social podem ser reflexos e produtos de nossas imagens do mundo social."

Para Denise Jodelet:

As representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la. (JODELET, 1993, p.1)

Jo Gôndar nos diz que as representações são uma ideia genérica imposta a nós:

Uma representação coletiva ou social é algo mais que uma ideia genérica e instituída que se impõem a nós: todas as representações são inventadas e somos nós que as inventamos, valendo-nos de uma novidade que nos afeta e de nossa aposta em caminhos possíveis. (GONDAR, 2016, p.40)

3. FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A fotografia surgiu há muitos anos, na primeira metade do século XIX, graças a astrônomos e físicos que observavam os eclipses solares por meio da câmera obscura.⁴ Leonardo da Vinci fez uso dessa invenção e inclusive fez uma descrição sobre ela em seu livro de notas sobre os espelhos, porém na virada do século XVII para o XVIII as imagens feitas com a câmera obscura não resistiam ao tempo e a luz e desapareciam logo após a revelação. Contudo em 1827 Joseph Nicéphore Niépce conseguiu fixar imagens utilizando um material recoberto com betume da judéia e sais de prata e batizou a descoberta de heliografia, mas existem dúvidas se ele havia utilizado nitrato ou cloreto de prata, devido a falta de documentos esclarecedores⁵. Niépce durante uma viagem conhece Louis Jacques Mandé Daguerre e tornam-se sócios, porém vendo as limitações do seu sócio, Daguerre decide continuar suas experiências sozinho com a prata halógena.

Suas experiências consistiam em expor, na câmera obscura, placas de cobre recobertas com prata polida e sensibilizadas com o vapor de iodo, formando uma capa de iodeto de prata sensível à luz. (OLIVEIRA, 2006, p. 2)

Em 1839 sua pesquisa foi reconhecida pela Academia de Ciências de Paris e foi batizada como daguerreótipo o método que consistia em gravar imagens por meio da câmera obscura⁶ e assim foi criada a fotografia, porém era absurdamente caro, era algo para a alta sociedade, guardados em estojos, como joias devido a sua importância⁷.

Apesar de cara a fotografia foi muito bem recebida pela sociedade, registrando os costumes da época que hoje conhecemos graças a esses registros “a expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara.” (KOSSOY, 2001, p.26)

⁴ Erivam Morais de Oliveira, Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital, 2006, p.1.

⁵ Ibid., p.2.

⁶ Ibid., p.2.

⁷ Walter Benjamin, Magia e técnica, arte e política, 1987, p. 93.

A pintura e a fotografia acabaram criando uma certa rivalidade, pois a fotografia poderia tomar o seu lugar, afinal ela representava muito bem a realidade, melhor até do que em quadros, porém essa rivalidade acabou tendo fim, pois os pintores poderiam seguir novos rumos.

Libertada, pela fotografia, da cansativa faina da representação fiel, a pintura pôde partir no encaicho de uma tarefa mais elevada: a abstração. (SONTAG, 1977, p.160)

Desde o seu surgimento a fotografia acabou evoluindo muito pouco, durante 100 anos os princípios ópticos e formatos permaneceram quase que o mesmo, no século XX a fotografia acabou sendo utilizada em grande escala pela imprensa mundial, pelo fotojornalismo e a necessidade de equipamentos mais rápidos e leves acabou criando uma renovação no mercado, aumentando o número de público e de fabricantes.

Com o advento da fotografia digital alguns equipamentos e fabricantes acabam entrando em declínio. Perde-se o *glamour* da fotografia analógica. Hoje pode-se tirar diversas fotos de uma vez só sem nenhum problema, está ao alcance da nossa mão em um clique. Não existe mais o fascínio de uma foto única, que poderia sair boa ou ruim, outro problema da fotografia digital é a sua veracidade, podendo ela ser manipulada de diversas formas. Como confiar numa fotografia em que está sujeita a alterações? Como saber se a memória que essa fotografia representa é verdadeira sendo que ela pode ser editada ou mesmo deletada com tamanha facilidade em que não existiria mais esse registro, acabando com qualquer vestígio que um dia ela existiu na história.

Na era do “Ctrl-Alt-Del”, da memória “RAM”, a própria memória humana, atrelada às facilidades e as ambigüidades gramaticais dessas tecnologias, pode se perder, pois é fácil olhar para o display, pressionar alguns botões e eliminar, para sempre, aquela imagem que por algum motivo perdeu o interesse, o encanto, a magia e, com ela, a memória que guardava. (FELIZARDO, SAMAIN, 2007, p. 207-208)

Porém a fotografia analógica, com menos chances de manipulações e edições nos dá a certeza de que algo é real, que realmente existiu ou aconteceu, o termo “*só ver para crer*” se enquadra perfeitamente nesse tipo de fotografia.

Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. [...] Uma foto

equivale a uma prova incontestável de que determinado coisa aconteceu. (SONTAG, 1977, p. 16)

Esse “testemunho” pode servir para diversos aspectos da nossa vida, tanto no âmbito familiar, como em uma viagem de férias por exemplo, de acordo com Susan Sontag “Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma - um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão.” (1977, p.19)

Querendo ou não toda fotografia tem uma certa intenção do fotógrafo, inconscientemente ou conscientemente, preferir um ângulo à outro, o enquadramento, fazer uma escolha de luz e de sombra, aonde deseja focalizar, tudo isso é decidido anteriormente pelo profissional, a foto parece imparcial, mas não é totalmente, pois há os desejos do detentor da ação presentes nesse momento.

Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. [...] Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. (SONTAG, 1977, p. 17)

A fotografia sobrevive ao tempo, tornando-se quase que imortal, é um pedaço do passado que permanece no presente, a pessoa ou o objeto fotografado jamais irá desaparecer, estará sempre vivo na fotografia, existindo o devido cuidado na sua preservação ela atravessará diversas gerações, encantando ou modificando essas gerações em diferentes épocas.

Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo. (SONTAG, 1977, p.26)

Qualquer evento, uma vez em curso, e qualquer que seja seu caráter moral, deve ter caminho livre para prosseguir até se completar – de modo que outra coisa possa vir ao mundo: a foto. Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria. Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas ou matando outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um pequeno elemento de outro mundo: o mundo-imagem, que promete sobreviver a todos nós. (SONTAG, 1977, p.22)

A paisagem pode mudar, a pessoa fotografada pode morrer, o objeto pode ser quebrado, porém na fotografia a imagem estará “congelada”, com vistas, por vezes, à eternidade. Elas acabam tornando-se mais memoráveis, fixadas em nossas mentes

de uma forma relativamente fácil, quem nunca criou memórias a partir de fotos de quando era criança?

Fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo. (SONTAG, 1977, p. 28)

Uma foto pode mudar o rumo de uma história, pode influenciar pessoas, pode alterar a realidade, pois as fotos são a realidade que vemos de um lugar em que não podemos ter acesso, tornando real a visão do outro e fazendo com que a partir daquele imagem a sociedade tome alguma atitude perante a algo ou mude seus conceitos, a fotografia que vamos abordar mais à frente fez com que a história mudasse, ajudando um país a conseguir fundos quando já estava quase falido, de acordo com Susan Sontag:

Fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçá-la – e podem ajudar a desenvolver uma posição moral ainda embrionária. (SONTAG, 1977, p.28)

Porém sem um ideal político, sem um sentimento de reconhecimento na foto, ela acaba não valendo nada.

O que determina a possibilidade de ser moralmente afetado por fotos é a existência de uma consciência política apropriada. Sem uma visão política, as fotos do matadouro da história serão, muito provavelmente, experimentadas apenas como irreais ou como um choque emocional desorientador. (SONTAG, 1977, p.29)

A fotografia acaba servindo para diferentes usos, uma foto que foi originalmente tirada por um motivo, acaba tendo o seu uso completamente modificado e suplantado por usos subsequentes, afinal a foto permanece imóvel enquanto as pessoas e as gerações se modificam, logo seus olhares e intenções sobre essa foto mudam também.

O que na realidade está separado, as imagens unem. Na forma de uma foto, a explosão de uma bomba atômica pode ser usada na publicidade de um cofre. (SONTAG, 1977, p.192)

A fotografia de certa forma está interligada com a memória, pois ela “resgata” lembranças, ativa uma memória e revive um passado no presente que nem existe mais.

Em nível individual, uma fotografia pode reavivar sentimentos antes esquecidos, relativos a um momento ou a uma presença que não está mais entre nós, ou trazer, por instantes, sensações vividas em determinada época e que já não existem mais; ela cumpre o seu papel na rememoração, na reminiscência e na redescoberta dos fatos. (FELIZARDO, SAMAIN, 2007, p. 215)

Le Goff nos diz que entre as importantes e significativas manifestações da memória coletiva que surgiram no decorrer dos tempos, vale ressaltar o aparecimento de dois fenômenos, um no século XIX, com o advento da fotografia e outro no início do século XX, com a construção de monumentos aos mortos.

O primeiro, a seguir à I Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum. O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (LE GOFF, 2003, p.245).

Mas afinal o que é memória? No dicionário Houaiss está descrito como: (1) capacidade de lembrar, (2) recordação de algo passado, (3) dispositivo que pode receber, conservar e restituir dados, (4) relato escrito que alguém faz de acontecimentos históricos vividos por si mesmo ou sobre sua própria vida; memorial.

Os Gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, *Mnemosine*. É a mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos.⁸

Jo Gondar no seu texto “Cinco proposições sobre memória social” nos dizem que memória “é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também numa esfera irrepresentável: no corpo, nas sensações, nos afetos, nas invenções e nas práticas de si.” (GONDAR, 2016, p.36)

Para Norberto Guarinello a memória é:

Uma palavra que nos veio do latim, preservando, em português, os dois sentidos fundamentais que possuía na origem. Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevivem no presente, condição mesma do tempo presente. É a trama dos vestígios, oriundos de diferentes épocas e condições de produção, que constitui a espessura mesma daquilo que existe, como cristalização e permanência do que não morreu, daquilo

⁸ Le Goff, História e Memória, 2003, p. 231.

que nos liga aos mortos na medida em que sobrevive no presente. (GUARINELLO, 1993, p. 187)

A memória é uma reflexão sobre o passado, um debruçar-se sobre esses vestígios presentes para selecioná-los, agregá-los, condensá-los, destrinchando a espessura temporal do agora, para dar sentido, não tanto ao passado, como ao próprio presente. A memória é, assim, uma forma de ação, uma ação representativa, parte da atividade auto representativa que uma sociedade, grupo ou indivíduo produzem de si, para assumirem e defenderem sua identidade e para orientarem sua ação individual ou coletiva. (GUARINELLO, 1993, p.188)

Le Goff descreve a memória no campo científico global como “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (Le GOFF, 2003, p. 224)

Jo Gondar nos diz que não é possível a formulação de um conceito sobre memória em moldes clássicos de uma maneira simples, pois:

Um conceito costuma nos dizer o que alguma coisa é, no presente, no passado e no futuro, a despeito de qualquer mudança. A memória, contudo, nunca é: na variedade de seus processos de conservação e transformação, ela não se deixa aprisionar numa forma fixa ou estável. A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. (GONDAR, 2016, p.19)

Maurice Halbwachs criou o termo “memória coletiva”, ele diz que a memória nunca é apenas do indivíduo, pois, nenhuma lembrança pode existir isolada de um grupo ou contexto social. A memória individual é apenas um ponto de vista da memória coletiva pois qualquer situação que passamos ou vivenciamos, nós estamos inseridos em uma sociedade e, portanto, a memória não seria apenas nossa e sim de toda coletividade.

Lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Norberto Guarinello definiu a memória coletiva como:

A memória coletiva é, deste modo, um meio fundamental da vida social, uma das dimensões da ação coletiva e um veículo de poder. Poder, por exemplo, de transmitir ou perenizar uma memória de si, ou de propor ou impor uma dada memória à coletividade; poder de criar, refazer ou destruir identidades sociais, de dar sentido, corpo e eficácia aos atos coletivos. (GUARINELLO, 1993, p. 189)

Porém para recordar um evento passado, ele não pode apenas ser lembrado pelos outros, é necessário que o indivíduo traga algum “resquício” de rememoração para

que os conjuntos de testemunhos exteriores se tornem lembranças. No processo de rememoração é necessário que os dados estejam de acordo entre os membros do grupo, há um processo de “negociação” para conciliar as duas memórias, a coletiva e a individual.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

De acordo com Maurice Halbwachs a memória não é universal, toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo, afinal os guardadores dessa memória podem tanto esquecer quanto desaparecer, se a duração da vida humana fosse estendida o campo da memória coletiva seria bem mais extenso.

A memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram. (HALBWACHS, 1990, p. 84)

Por isso é tão importante preservar essa memória pois ela pode não durar para sempre, como diria Pierre Nora “é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria” (NORA, 1993, p.13)

A medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (NORA, 1993, p.15)

A escrita ajudou bastante a memória coletiva, permitiu a ela um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória acaba assumindo a forma de inscrição, aumentando o número

de monumentos. Quando não existe a inscrição no monumento seu significado acaba perdido na história.⁹

Nos templos, cemitérios, praças e avenidas das cidades, ao longo das estradas até "o mais profundo da montanha, na grande solidão", as inscrições acumulavam-se e obrigavam o mundo greco-romano a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança. A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os "arquivos de pedra" acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea. (LE GOFF, 2003, p. 228)

A segunda forma de memória ligada a escrita é o documento escrito em um suporte especialmente destinado à escrita, houve tentativas em osso, pele e folhas de palmeira até que finalmente foi descoberto o papiro, pergaminho e por fim o papel. Nesse tipo de documento existe duas funções principais para a escrita, uma delas é o armazenamento de informações, que permite a transmissão através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro; a outra é assegurar a passagem da esfera auditiva à visual, permitindo assim reexaminar, reordenar, retificar frases e também palavras isoladas.¹⁰

Os reis das antigas grandes civilizações não queriam ser varridos pela história e por isso criaram um programa de memorização, produziram instituições-memória, como arquivos, bibliotecas e museus, onde eles eram a figura principal, contavam os seus feitos, vitórias militares, benefícios da sua justiça entre outras coisas.¹¹

Assim percebemos que os documentos, os arquivos é onde a memória se refugia para não ser esquecida pelo passado, é por onde ela atravessa gerações, desaparecendo os homens-memória¹² o que resta é o papel, e o que não estiver nele é como se nunca tivesse existido¹³, nós "podemos coletá-los, consultá-los, criticá-los, analisá-los. É através de sua mediação, e só dela, que temos acesso às realidades passadas." (GUARINELLO, 1993, p. 185) A sociedade irá usar esses acervos como ponto de referência, pois não é possível uma memória pessoal dos fatos.

Se temos alguma ideia do que teria sido Troia ou Babilônia é porque lemos algo sobre essas cidades, das quais não restou nem mesmo uma ruína que pudesse indicar sua localização. (GONDAR, 2016, p.30)

⁹ Le Goff, História e Memória, 2003, p. 228.

¹⁰ Ibid., p. 228.

¹¹ Ibid., p. 229.

¹² Pierre Nora, Entre Memória e História, 1993, p.18.

¹³ Ítalo Calvino, A memória do mundo, 2001, p. 130.

No texto *A memória do mundo* de Ítalo Calvino o autor nos mostra que o personagem principal junto com a organização para qual trabalha está criando o maior centro de documentação já projetado:

Um fichário que reúne e ordena tudo o que se sabe de cada pessoa e animal e coisa, em vista de um inventário geral não só do presente mas também do passado, de tudo o que houve desde as origens. [...] Não só o conteúdo das mais importantes bibliotecas do mundo, dos arquivos e dos museus, das coleções anuais dos jornais de cada país já está nas nossas fichas. (CALVINO, 2001, p. 127)

A ideia deles é comunicar a memória desse mundo para os outros que chegarem após o fim da vida na Terra, onde o gênero humano será após a sua extinção “uma certa quantidade de informações sobre si mesmo e sobre o mundo, uma quantidade finita, dado que não poderá mais se renovar e aumentar.” (CALVINO, 2001, p.129)

Já existe um programa parecido com esse na UNESCO, o *programa memória do mundo*, que foi iniciado em 1992, em ambos os casos o objetivo é recolher e ordenar o patrimônio da humanidade, porém enquanto a UNESCO visa deixar esse importante tesouro para a humanidade, o conto de Calvino pretende guardar para desconhecidos. Nos dois casos parece ter o propósito de se criar uma memória coletiva.

Em ambos os casos a memória é entendida como uma forma de preservar o patrimônio da humanidade, representando a capacidade humana de, através deste mecanismo, reter o tempo e os factos passados, evitando assim a sua perda total. (CHAUÍ apud QUINTEIRO, 2006, p.7)

Porém quando se escolhe guardar um documento à outro, quando se prefere uma fotografia em vez de outra, há uma escolha consciente daquilo que deve ou não ser lembrado, a construção dessa memória parte inevitavelmente da junção de um conjunto de fragmentos, selecionados por alguém e/ou construída por esses indivíduos, cujos critérios são determinantes na edificação desse produto.¹⁴

Guardar uma memória do mundo é um acto consciente de preservação da memória, não é uma manifestação espontânea e natural, mas sim um acto artificial e racionalmente organizado, através do qual se arquiva aquilo que se deseja que outros possam recuperar no futuro. Logo, a criação de uma memória do mundo não corresponde a uma compilação daquilo que *não é possível esquecer*, sendo, isso sim, a súmula daquilo que *não se quer (deixar) esquecer*. (QUINTEIRO, 2006, p.8)

¹⁴ Sílvia Quinteiro, *Memórias do mundo*, 2006, p.8

Para Jô Gondar:

Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa. Essa montagem é intencional e se destina ao porvir. (GONDAR, 2016, p.24)

As memórias coletivas de uma nação acabam muitas vezes sendo construída sobre o esquecimento daquilo que as classes dominantes consideram de menor importância e sobre a ocultação das suas feridas: Esquecem-se ou negam-se homicídios e genocídios, omitem-se episódios tenebrosos¹⁵, decide-se subtrair à memória coletiva a multiplicidade das vítimas e nas festas comemorativas, a censura irá disputá-la com a memória¹⁶. “Na história de vencedores e vencidos, a divergência de interpretações para um mesmo acontecimento marca o confronto entre diferentes memórias.” (GONDAR, 2016, p.32)

Assim, enquanto os alemães enfatizam os excessos cometidos pelos franceses na Era Napoleônica, nada disso é comentado nas obras escritas na França. (GONDAR, 2016, p.32)

Como por exemplo Michael Pollak nos fala sobre Nikita Krushev que denunciou pela primeira vez os crimes stalinistas, e graças a isso acabou “arranhando” a memória sobre Stalin:

Essa reviravolta da visão da história, indissociavelmente ligada à da linha política, traduziu-se na destruição progressiva dos signos e símbolos que lembravam Stalin na União Soviética e nos países satélites, e, finalmente na retirada dos despojos de Stalin do mausoléu da Praça Vermelha. (POLLAK, 1989, p.4)

Essas lembranças, memórias, precisam então permanecer em silêncio até serem finalmente ouvidas por toda a sociedade.

Opondo-se à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. [...] até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação. (POLLAK, 1989, p. 8-9)

¹⁵ Sílvia Quinteiro, Memórias do mundo, 2006, p.9.

¹⁶ Le Goff, História e Memória, 2003, p.243.

Um grupo, uma sociedade, uma nação desejam ocultar tudo aquilo que poderia revelar seus paradoxos, suas falhas, enfim, tudo aquilo que poderia comprometer a imagem que pretendem fornecer sobre si mesmos. (GONDAR, 2016, p.33)

E nesse processo de ocultação de falhas as mídias ajudam bastante, os meios de comunicação de massa são atores poderosos no processo da construção social,¹⁷ eles podem tanto transmitir falsas informações ao grande público quanto gerar omissões propositais¹⁸, e para manter a versão da história é necessário que o portador dessa memória permaneça em silêncio e concorde com a maioria.¹⁹ Mais adiante veremos que houve controvérsias sobre a foto quando a mídia propositalmente omitiu uma informação relevante sobre a identidade dos soldados.

Quem consegue controlar a mídia acaba assim, detendo de um grande poder em mãos, como diria Paolo Jedlowski:

A relevância da memória pública para definir o passado, a identidade e os objetivos dos povos explicam o grande interesse de todos os atores políticos em controlar a mídia, assim como o fato que aquele que controla a mídia tem uma posição privilegiada para assumir e manter o poder político. (JEDLOWSKI, 2005, p.95)

A mídia, a imprensa acaba de certa forma manipulando o comportamento da sociedade também, Denise Jodelet no seu texto “Representações sociais: um domínio em expansão” nos fala sobre a doença da Aids e como a imprensa degradou essas pessoas, falando que era a condenação de condutas degeneradas, punição da irresponsabilidade sexual e que bons cristãos estariam livres e seriam poupados, e então é percebido uma retomada dos valores familiares tradicionais.

De acordo com Jodelet:

A falta de informação e a incerteza da ciência favorecem a emergência de representações que circulam de boca em boca ou rebote de um suporte mediático a outro. (JODELET, 1993, p.3)

Assim as redes de comunicação mediáticas ou informais e a falta de uma informação clara acaba de certa forma influenciando a sociedade²⁰

¹⁷ Paolo Jedlowski, Memória e a Mídia: uma perspectiva sociológica, 2005, p.89.

¹⁸ Ibid., p.93.

¹⁹ Ibid., p.95.

²⁰ Denise Jodelet, Representações Sociais: um domínio em expansão, 1993, p.4

Essas representações formam um sistema e dão lugar a “teorias” espontâneas, versões da realidade que encarnam as imagens ou condensam as palavras, ambas carregadas de significações. [...] Enfim, através dessas diversas significações, as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica. Essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade. (JODELET, 1993, p.4)

Com esse exemplo percebemos que as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social.

Em sua riqueza fenomênica assinalam-se elementos diversos, os quais são às vezes estudados de maneira isolada: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc.. Mas esses elementos são sempre organizados como uma espécie de saber que diz alguma coisa sobre o estado da realidade. (JODELET, 1993, p.4)

Mas afinal, o que é representação social? Nós não vivemos sozinhos, compartilhamos o mundo com outras pessoas e neles nos apoiamos, as vezes convergindo e as vezes divergindo, para o compreender, o gerenciar ou o afrontar.²¹ Também pode ser chamado de “saber do senso comum” ou ainda “saber ingênuo.”²² É um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. Ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas.²³

Para Rafael Sêga, as representações sociais:

Se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. (SÊGA, 2000, p.128)

Para Denise Jodelet, a representação social tem cinco características fundamentais:²⁴

- a) É sempre representação de um objeto;

²¹ Denise Jodelet, Representações sociais: um domínio em expansão, 1993, p. 1.

²² Ibid., p.5.

²³ Rafael Sêga, O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici, 2000, p.129

²⁴ Ibid., p.129.

- b) Tem sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a idéia, a percepção e o conceito;
- c) Tem um caráter simbólico e significante;
- d) Tem um caráter construtivo;
- e) Tem um caráter autônomo e criativo.

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais. (JODELET, 1993, p.5.)

As representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. Uma modalidade de pensamento que tem sua especificidade em seu caráter social.²⁵ A noção de representação social apresenta uma certa complexidade na sua definição e no seu tratamento, pois ela está relacionada com os processos que se erguem de uma dinâmica social e de uma dinâmica psíquica. De um lado deve-se considerar o funcionamento cognitivo e o do aparelho psíquico, de outro, o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, estes acabam afetando a gênese, a estrutura e a evolução das representações e da mesma forma são afetados por sua intervenção.²⁶

Denise Jodelet no seu texto colocou um quadro sobre o espaço de estudos das representações sociais, essas possuindo a premissa fundamental de uma inter-relação, de uma correspondência, entre as formas de organização e comunicação sociais e as modalidades do pensamento social, vista sob o ângulo de categorias, de suas operações e de sua lógica.

²⁵ Denise Jodelet, Representações sociais: um domínio em expansão, 1993, p. 5.

²⁶ Ibid., p. 8.

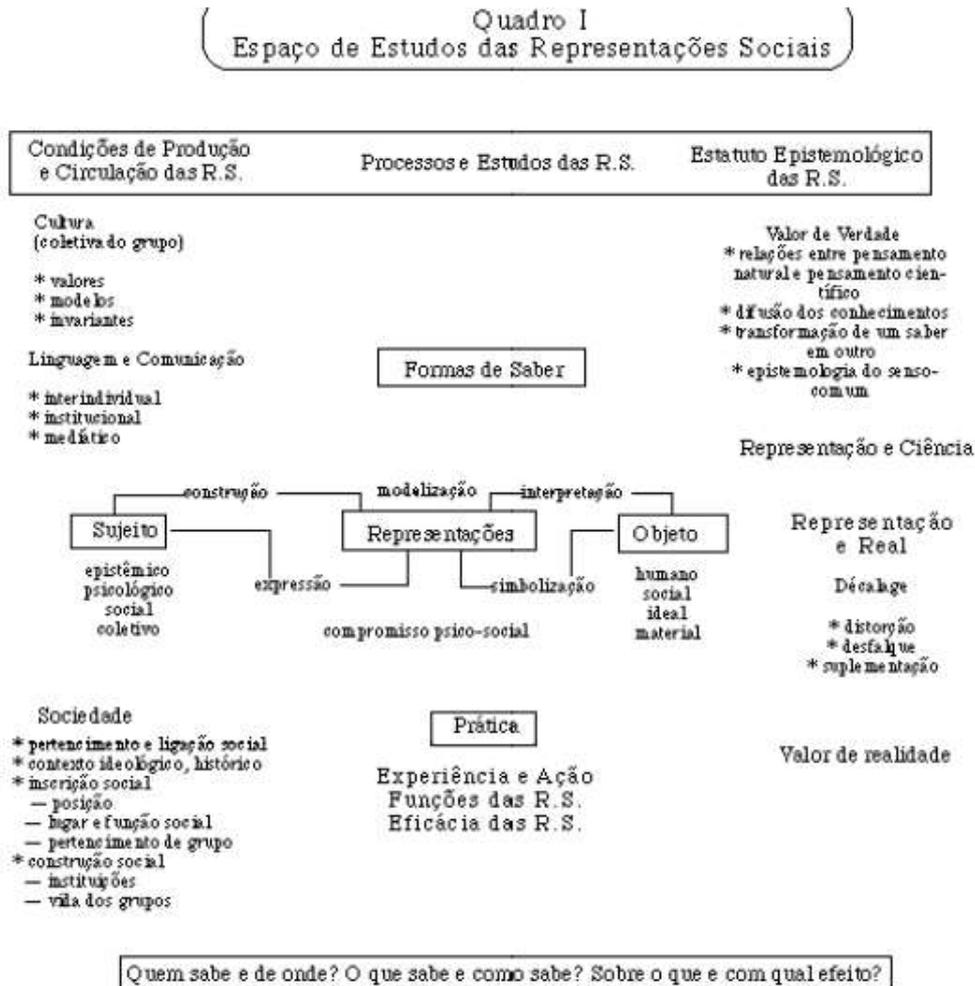


Figura 1- Quadro de Espaço de Estudos das Representações Sociais.

A comunicação social é de extrema importância para a representação social, ela tem um papel fundamental nas trocas e interações que contribuem para a instituição de um universo consensual. Ela pode tanto dispersar quanto distorcer informações relativo ao objeto representado. No nível midiático, onde existe uma influência na edificação das condutas, segundo os efeitos pesquisados sobre a audiência apresentam propriedades estruturais correspondentes à difusão, à propagação e à propaganda, a difusão relaciona-se assim com a formação de opiniões, a propagação com as atitudes e a propaganda com os estereótipos.²⁷

De acordo com Latour:

De todas as atividades humanas a fabricação de fatos é a mais intensamente social, tal é a evidência que permitiu recentemente a sociologia das ciências alçar seu voo. O destino de um enunciado está, literalmente, nas mãos de uma

²⁷ Denise Jodelet, Representações sociais: um domínio em expansão, 1993, p.12.

multidão; cada um pode deixá-lo cair, contradi-lo, traduzi-lo, modificá-lo, transformá-lo em artefato, torná-lo irracional, introduzi-lo em outro contexto a título de premissa, ou em alguns casos, verificá-lo, certificá-lo e passá-lo tal e qual a alguém. A expressão 'é um fato' não define a essência de certos enunciados, mas certos percursos numa multidão" (LATOURET apud JODELET, 1983).

De acordo com Denise Jodelet, a comunicação:

Incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, visto que engaja os processos de interação social, influência, consenso e dissenso e polêmica. Enfim, a comunicação concorre para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes à vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que consideram, ao lado do poder de desempenho das palavras e discursos, a força pela qual as representações inauguram as versões de realidade, comuns e partilhadas. (JODELET, 1993, p.13)

4. FOTOGRAFIAS, USOS E RESSIGNIFICAÇÕES

4.1 A história e o contexto da Fotografia *Raising the Flag on Iwo Jima*



Figura 2 – Fotografia *Raising the Flag on Iwo Jima*.

No dia 23 de Fevereiro de 1945 as tropas americanas conseguiram a vitória sobre o Japão na ilha Iwo Jima (vulgo Ilha de enxofre), após uma batalha sangrenta que durou mais de um mês, trazendo um número enorme de baixas em ambos os lados, os americanos vinham avançando e conquistando inúmeros territórios japoneses, porém a ilha de Iwo Jima sequer estava nos planos dos estrategistas americanos, a ideia era ocupar Taiwan, porém essa ilha apresentava diversos obstáculos, era uma ilha grande que estava sendo muito bem defendida pelos japoneses e além disso a distância que separava ela do Japão era significativa, logo não seria interessante usá-la como base para os aviões norte-americanos, foi então que a ilha de Iwo Jima surgiu como opção para o próximo ataque.²⁸

Essa ilha era uma ótima aquisição pois já contava com pistas de pousos prontas, construir uma pista era uma tarefa difícil e demorada e havendo um local em que já existia algumas, agilizaria muito as tropas americanas, sem contar que diversos aviões

²⁸ Fonte: <https://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/historia/iwo_jima> Acesso: 20 de Jan. 2019.

dos Estados Unidos foram abatidos próximos à Iwo Jima, sendo mais um motivo para a tomada da ilha.

Porém não foi tão fácil como estavam esperando, os japoneses construíram uma rede de túneis e ninhos de metralhadoras que os protegiam dos ataques aéreos americanos, esses túneis interconectados também favoreciam as tropas japonesas pois eles poderiam se movimentar nas linhas inimigas sem serem percebidos, criando ataques surpresa e reocupando áreas ou abandonando setores que já haviam sido tomados pelos inimigos, outra vantagem explorada pelos japoneses foi a areia vulcânica, que era ótima para construir fortificações, ela produzia uma espécie de concreto que absorvia o impacto dos tiros de canhão, além disso os japoneses contavam com um enorme estoque de munições, armas, ferramentas, rádios e mantimentos, apenas a água potável estava escassa.²⁹

Ao desembarcarem nas praias o primeiro obstáculo enfrentado pelos americanos foram as próprias praias, a areia dificultava a locomoção de veículos, chegando até a entupi-los, e a quantidade de equipamentos que os soldados levavam acabava atrasando-os, o general Tadamichi Kuribayashi³⁰ ordenou aos seus soldados que não disparassem durante os primeiros momentos do desembarque para que não revelassem as suas posições, como as tropas americanas não enfrentaram nenhuma resistência eles acreditaram que o bombardeio pré-invasão tinha sido bem sucedido, então eles avançaram completamente alheios ao perigo, após adentrarem 500 metros da ilha foram surpreendidos por metralhadoras e morteiros que eram disparados com força total, causando um enorme número de mortes logo no primeiro dia.

Após os primeiros dias já havia baixas para ambos os lados, e os americanos já esperavam o ataque banzai, que consistia em um ataque suicida, afinal essa era a estratégia usada pelos japoneses em outras batalhas, porém o general Kuribayashi proibiu essa prática, os japoneses então moviam-se pelos túneis criando emboscadas e recuperando posições, a noite eles atacavam as trincheiras americanas, os americanos então perceberam que armas pesadas tinham pouco efeito nas defesas japonesas e passaram a usar lança-chamas e granadas para destruí-los em seus túneis.

²⁹Fonte: <https://web.archive.org/web/20071212233438/http://worldwar2database.com/html/letters_from_iwo_jima.htm> Acesso em: 25 de Março. 2019.

³⁰Fonte: <<http://www.battle-fleet.com/pw/his/Battle-Iwo-Jima-Defense.htm>> Acesso em: 25 de Março. 2019.

Conforme a batalha ia avançando a situação dos mantimentos dos japoneses ia se tornando cada vez mais escassa, eles possuíam pouca água, comida e munição, e então ao amanhecer do dia 23 de Fevereiro os americanos conseguiram tomar o monte Suribachi, a escuridão permitiu que os norte-americanos passassem despercebidos pelo inimigo e pudessem enfrenta-los à luz do dia, foi nessa manhã que ocorreu o hasteamento da bandeira e quando foi tirada a clássica foto “Raising the flag on Iwo Jima”, trazendo uma sensação de esperança para os soldados que estavam na ilha e para os que ainda não haviam desembarcado, sendo possível uma vitória contra os japoneses. Os americanos continuaram avançando lentamente pelo norte da ilha, os japoneses passaram então a usar o ataque banzai³¹ em um ato de desespero, porém foi em vão, os americanos conseguiram avançar até que ao final de Março, no dia 26 conquistaram a ilha, poucos japoneses foram capturados vivos, a maioria morreu em combate.

Na época houve controvérsias entre o público americano sobre a real necessidade de se invadir a ilha, pois a cada batalha o número de mortes apenas aumentava e a conquista da ilha teve pouco impacto na guerra comparado ao número de baixas.

Dos soldados que participaram da foto, três morreram durante a guerra, o cabo Harlon Block, o soldado de primeira classe Frank Sousley e o sargento Michael Strank.

Na verdade houve dois hasteamentos da bandeira, no primeiro o sargento Louis Lowery³² que estava fotografando pela Leatherneck Magazine registrou a cena, porém devido a um tiroteio causado pelos japoneses ele foi obrigado a se esconder e acabou derrubando e danificando a sua câmera, e foi preciso descer o cume para buscar novos equipamentos³³, já Joe Rosenthal que registrava a invasão pela Associated Press ouviu os fuzileiros navais subindo a montanha e decidiu ver o que estava acontecendo, ele encontrou Louis no caminho e descobriu que a bandeira já estava fincada mas decidiu subir para ver a vista e acabou registrando o segundo momento em que era colocada uma bandeira maior no topo, ele só tinha uma chance, afinal

³¹ Fonte: <<https://www.history.com/topics/world-war-ii/battle-of-iwo-jima>> Acesso em 25 de Maio.2019.

³²Fonte:<<https://meiobit.com/310623/raising-flag-iwo-jima-70-anos-de-uma-das-imagens-mais-conhecidas-seculo-xx/>> Acesso em 03 de Fevereiro. 2019.

³³ Fonte: <<https://edition.cnn.com/2015/02/22/world/cnnphotos-iwo-jima/index.html>> Acesso em 10 de Fevereiro. 2019.

naquela época os equipamentos eram lentos e demoravam para funcionar, porém ele conseguiu aproveitar muito bem a oportunidade.³⁴

Os dedos de Rosenthal instintivamente deslocaram-se para sua Speed Graphic. Talvez conseguisse, afinal, uma foto da bandeira sendo levantada.

O mastro que Ira e Franklin estavam arrastando era um grande pedaço de cano de drenagem pesando quase cinquenta quilos. Quando se aproximara do local, o tenente Schrier sugeriu que a equipe de Mike fizesse o trabalho. O tenente queria que a bandeira substituta fosse içada ao mesmo tempo em que a primeira era arriada.

Mike amarrou a bandeira no mastro. Schrier reuniu alguns fuzileiros para descer o primeiro mastro e então ficou entre os dois grupos das bandeiras, dirigindo-os. Os três fotógrafos perambulavam a alguma distância, procurando um bom ângulo para fotografar. Campbell afastou-se para uma posição a curta distância no flanco da colina, quase exatamente abaixo da primeira bandeira, pensando em fotografá-la de cima para baixo quando os fuzileiros a descessem. Genaust, quase ombro a ombro com Rosenthal, a cerca de trinta metros da segunda bandeira, tinha ainda algum filme colorido na câmera e resolveu esperar o momento certo de usá-lo. Rosenthal, com seu 1,64m de altura, abaixara a Speed Graphic e estava curvado, empilhando pedras e um saco de areia em que subiria para obter um ângulo melhor. Sua câmera estava preparada na velocidade de 1/400 de segundo, com abertura de lente entre 8 e 16.

Tudo ocorreu em segundos. (...) Harlon firmou-se numa elevação do solo cheio de escombros, pronto para receber a base do mastro. Na outra extremidade, Mike, comandando a tarefa e com o cano sobre o ombro direito, levou-o na direção de Harlon.

Mike segurou a grande bandeira embrulhada em torno do mastro para impedi-la de ondular ao vento forte até que o mastro estivesse enterrado.

Mike e os quatro membros do esquadrão aproximaram-se mais do mastro, levantando bem os pés a cada passo, para se livrar dos escombros. A impressão era que andavam em neve profunda.

Ira caminhou em torno do mastro, encarando Mike, as costas para a câmera de Genaust. Ele disse algo a Mike que se perdeu no vento forte. Ira usava seu coberto estilo indígena enfiado nas costas sob o cinto militar.

Mike viu Doc Bradley passando com um carregamento de ataduras nos braços e pediu que ele viesse dar uma ajuda. Doc (...) foi até o mastro, colocando-se diretamente entre Mike e Harlon.

³⁴ Fonte: <<https://www.pulitzer.org/article/joe-rosenthal-and-flag-raising-iwo-jima>> Acesso em 03 de Fevereiro. 2019.

Franklin andou até o mastro vindo do primeiro plano da imagem de Genaust. René aproximou-se do grupo vindo por trás, à direita, o fuzil pendurado no ombro, e ficou atrás de meu pai, que estava na frente do mastro na imagem da filmadora.

Os rapazes agruparam-se por trás de Harlon, que se curvou para a base. Doc agarrou o mastro no centro do grupo.

Rosenthal percebeu o movimento e pegou a câmera. (...) Levantou a câmera e clicou a imagem. Naquele mesmo instante o mastro ergueu-se num breve arco e, liberada da mão de Mike, a bandeira flutuou ao vento forte.

Rosenthal recordou:

- Por polidez um com o outro nós quase perdemos a cena. Brandi minha câmera por ali e esperei até adivinhar que aquele era o auge da ação. Aí apertei o botão. E então tudo terminou. A bandeira flutuava no alto (BRADLEY; POWERS, 2006, p. 217-219).

Uma equipe da marinha também filmou este acontecimento, durante muito tempo Joe foi acusado de ter forjado a foto, pois esteticamente ela era perfeita, e outras fotografias do dia foram proibidas de serem publicadas durante anos, para não diminuir a foto de Joe, então poucas pessoas sabiam que duas bandeiras haviam sido levantadas e não apenas uma, e Rosenthal afirmou que a foto havia sido encenada, mas ele estava falando de uma foto dos soldados chamada de “*Gung-Ho*”, que são fotos encenadas pois ele ainda não havia visto a fotografia da bandeira e não sabia se estava com uma boa qualidade, os boatos acabaram se perpetuando depois dessa declaração, porém as filmagens da marinha provavam que a fotografia era verdadeira, a foto acabou tornando-se uma das mais famosas da segunda guerra mundial e a mais bem explorada pela propaganda de guerra, o fotografo ganhou o prêmio Pulitzer o que seria considerado um Oscar para os fotógrafos, no mesmo ano em que tirou a fotografia, fato extremamente raro de acontecer, pois o conselho do Pulitzer considera o jornalismo do ano anterior para ganhar o prêmio, mas foi aberto uma exceção para Rosenthal tamanha a importância da fotografia.



Figura 3 - Fotografia "Gung-Ho" tirada por Joe Rosenthal.



Figura 4 - Fotografia tirada por Louis Lowery registrando o hasteamento da primeira bandeira.
Da esquerda para a direita: Harold Schrier, Raymond Jacobs, Henry "Hank" Hansen, Ernest "Boots" Thomas, Phil Ward, Jonh Bradley, James Michels e Charles W. Lindberg.

Ocorreram algumas controvérsias causada pela foto com relação a identidade dos soldados, a primeira foi descoberta pouco tempo depois do sucesso da fotografia, foi realizado uma investigação pelo Corpo de Fuzileiros Navais e foi identificado que Henry Hansen tinha sido colocado como um dos soldados que participaram da fotografia, quando na verdade era Harlon Block.³⁵

Durante décadas acreditou-se que um dos homens que hastearam a bandeira tivesse sido Jonh Bradley, quando na verdade era Harold Schultz, as armas e uniformes usados na foto eram bem diferentes das de Jonh e hoje em dia com a tecnologia de reconhecimento facial foi mais fácil de descobrir a verdade, Bradley tinha participado do primeiro hasteamento e não do segundo, a investigação começou graças a questões levantadas pelos produtores de um documentário chamado “ The Unknown Flag Raiser of Iwo Jima”, depois de fornecerem evidências detalhadas sobre o assunto e insistirem durante um bom tempo eles conseguiram que o Corpo de Fuzileiros Navais passassem a investigar até que descobriram a verdade por trás da foto.³⁶

³⁵Fonte: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimasnoticias/internacional/2016/06/24/exercito-dos-eua-confirma-homem-da-foto-em-iwo-jima-teve-identidade-trocada.htm>> Acesso em 04 de Maio. 2019.

³⁶ Fonte: <<https://dataomaha.com/media/news/2014/iwo-jima/>> Acesso em: 04 de Maio. 2019.



Figura 5 - Nomes dos soldados que de fato apareceram na fotografia.

4.2 A fotografia nos dias atuais

Procuramos saber onde estava a fotografia original, para descobrir se estava preservada hoje em dia, se precisou de algum tratamento ou não, porém não conseguimos obter o retorno que esperávamos, enviamos um email para o *National Archives and Records Administration* e essa foi a resposta que nos enviaram:

“We have just a copy print and copy negative, of the iconic image, that came to us through our US Navy records (80-G). The original was taken by an Associated Press photographer and sold to Life, either one of those organizations may have the original negative on file. If we can be of further assistance, please let us know.”

Traduzindo:

“Temos apenas uma cópia impressa e cópia negativa, da imagem icônica, que chegou até nós através de nossos registros da Marinha dos EUA (80-G). O original foi tirado por um fotógrafo da Associated Press e vendido para a Life, ou uma dessas organizações pode ter o negativo original em arquivo. Se pudermos ser de mais ajuda, por favor nos avise.”

Então nós tentamos entrar em contato com a revista Life, esperando que eles tivessem o original, porém acabamos nos desapontando novamente:

“Are you inquiring about the vintage print taken by photographer Joe Rosenthal? If so, we do not own the copyright to the image. You will need to contact Associated Press.”

Traduzindo:

“Você está perguntando sobre a cópia do vintage tirada pelo fotógrafo Joe Rosenthal? Se assim for, não possuímos os direitos autorais da imagem. Você precisará entrar em contato com a Associated Press.”

Tentamos entrar em contato com a Associated Press, enviamos e-mail, formulário e mensagem pelo Whatsapp, porém não conseguimos obter nenhum retorno até o momento, conseguimos encontrar no próprio site da Associated Press uma informação sobre o negativo.³⁷

³⁷Fonte: <<http://www.apimages.com/metadata/Index/Watchf-AP-A-NY-USA-APHS476875-Rosenthal-Iwo-Jima/92a14e7568474f2c90604aac2c001647/10/0 A>> Acesso em: 10 de Maio. 2019.



Figura 6 – Negativo da Fotografia “Raising the Flag on Iwo Jima”.

A foto do negativo foi tirada no dia 24 de outubro de 2017, é utilizada apenas para uso editoriais, para outros usos autorizações adicionais são necessárias, o negativo está armazenado em um cofre. Esperávamos que esse negativo pudesse estar em exposição pois fez parte de um momento importante da história, porém ele se encontra recluso.

4. 3 Filmes sobre a fotografia

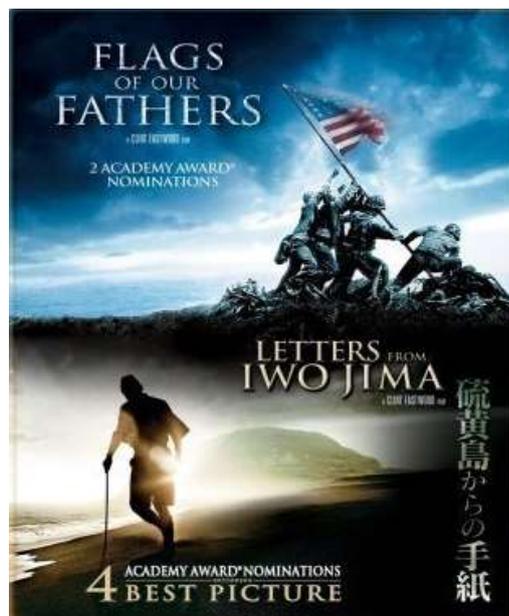


Figura 7 – Capas dos filmes.

Essa fotografia foi a base para o filme “Flags of Our Fathers: Heros of Iwo Jima” traduzido para “A Conquista da Honra” baseado na obra de James Bradley e Ron

Powers, e dirigido por Clint Eastwood. James é filho do paramédico John Bradley que foi erroneamente apontado como um dos soldados da foto. O livro e o filme contam a história dos seis soldados que hastearam a bandeira, três morreram e três sobreviveram, e o que ocorreu depois desse momento, em que eles foram retirados de Iwo Jima para seguir uma turnê pelos Estados Unidos, tentando angariar fundos para os Estados Unidos que estavam quase falidos naquele momento, e acabaram sendo manipulados para seguirem o roteiro de propaganda que seus superiores queriam, caso contrário voltariam para o tormento da ilha. O filme nos mostra também o que aconteceu com cada um desses soldados depois que os anos se passaram, os tormentos da pós-guerra. As pessoas de fato acabam financiando a guerra, tudo para poder conhecer os heróis de Iwo Jima e poder levar um autógrafo, uma lembrança para casa, e a foto acabou trazendo esperança para os familiares e para os cidadãos americanos de que aquela luta poderia sim ser vencida mesmo que fosse contra os japoneses (um inimigo extremamente forte) em um período em que as pessoas já estavam esgotadas de tanta notícia sobre guerra, e de fato graças a foto, a turnê, e as propagandas os Estados Unidos conseguiram angariar fundos e vencerem a guerra.

Em contrapartida Eastwood também mostrou o outro lado, a visão dos japoneses no filme “Letters from Iwo Jima” traduzido para “Cartas de Iwo Jima”. São cartas dos soldados japoneses que não foram enviadas para as suas famílias e ficaram soterradas durante anos, e acabaram sendo descobertas durante uma escavação o que deu origem ao livro e ao filme, trazendo um pouco da memória e dos sentimentos do que esses soldados viviam nesses dias de conflitos. É retratado todo o esforço do General Kuribayashi para construir os túneis e a se opor ao suicídio japonês, preferindo lutar até o último momento, porém alguns dos seus oficiais são contra essas ideias e acabam causando alguns conflitos. Kuribayashi também é tratado com desconfiança por ter morado nos Estados Unidos e ter feito amigos americanos, podendo não travar a batalha com tanto afinco quanto deveria. Iwo Jima acabou ficando em segundo plano em comparação a outras batalhas travadas pelos japoneses e acabaram recebendo menos apoio do país do que se era esperado, o filme nos mostra a dificuldade que os soldados passam, com o fim das munições, comida, água e pôr fim a derrota para os americanos.

Os dois filmes juntos são uma ótima experiência de poder ver a guerra pelo mesmo ângulo porém de dois lados diferentes, essa junção nos mostra que não há de fato inimigos e sim soldados, que se sentem despreparados, com saudades de casa, com sentimentos em comum, porém cada um luta pela sua pátria tendo que servir ao seu dever, e que uma foto pode quase que sozinha mudar o rumo da história.

4.4 Usos da Imagem

No momento em que essa fotografia foi tirada, não se imaginava que anos depois ela ainda continuaria sendo uma imagem icônica e reproduzida em diversas partes do mundo.

A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações (KOSSOY, 2002, P. 38)

À história não se permite mais tomar seus documentos como depósitos do passado; ela está atenta ao fato de que age sobre eles e lhes atribui novos sentidos. (BASTARDIS, 2012, p. 18)

Depois que Joe Rosenthal registrou a cena, nem ele mesmo sabia se a foto estava boa, porém dias depois a fotografia estava estampando as capas dos jornais, sendo vista como um símbolo de vitória e acabou sendo usada como propaganda de guerra e virou pôster para tentar conseguir bônus, apelando para o espírito de patriotismo dos americanos, também foram criados selos, onde as crianças³⁸ poderiam comprar e ajudar de alguma forma, os soldados René Gagnon, Ira Hayes e Jonh Bradley fizeram uma turnê por diferentes estados tentando angariar fundos para a guerra na qual eles encenavam o levantamento da bandeira, e junto com a foto eles conseguiram arrecadar mais de 26 bilhões de dólares³⁹, mais do que o esperado.

³⁸ Fonte: <<http://www.fortmissoulamuseum.org/WWII/detail.php?id=285>> Acesso em: 25 de Abril.2019.

³⁹ Fonte: <<https://improvephotography.com/52210/photo-history-raising-flag-iwo-jima/>>. Acesso em: 25 de Abril. 2019.



Figura 8 - Selo de 3 Cent.



Figura 9 - Pôster para arrecadar fundos para a guerra.



Figura 10 – Pôster para arrecadar fundos para a guerra. (2)

Ira Hayes sofria de depressão e alcoolismo no pós guerra, na verdade ele não queria ter sido reconhecido como um dos levantadores da bandeira, porém René Gagnon foi pressionado pelos seus superiores para falar quem estava na fotografia e acabou revelando a verdadeira identidade. Ira detestava a turnê e a fama repentina, sendo proclamado herói enquanto outros soldados morriam esquecidos em combate, tanto é que ele resolveu voltar para a guerra antes da turnê acabar.

Porém nos anos seguintes ele não conseguia se fixar em um emprego e os problemas com o alcoolismo só pioravam, Ira acabou sendo preso diversas vezes devido ao excesso de bebidas, mas ele foi essencial para descobrir a identidade de um dos soldados, ele contou para a mãe de Harlon Block que ele estava na fotografia em vez de Henry Hansen e logo a notícia chegou aos jornais.

Com essa vida perturbada Hayes acabou inspirando um jornalista chamado William Bradford a escrever um artigo que mais tarde, em 1961 seria a base para um filme chamado *The Outsider*, contando a sua história. O compositor Peter La Farge escreveu uma música chamada "*The Ballad of Ira Hayes*" que foi interpretada por Johnny Cash fazendo um resumo da trágica vida de Ira.

A fotografia acabaria virando uma escultura anos depois, logo após a foto estampar as capas do jornais, foi produzido uma escultura em gesso pelo artista Felix W de Weldon usando os três sobreviventes como modelo e em 1954 ficou pronta a estátua em bronze no 179º aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, um memorial, em lembrança aos que faleceram na guerra, localizado na Virgínia.



Figura 11 - Memorial de guerra do Corpo de Fuzileiros Navais.

Após esse memorial outros foram criados, usando a mesma pose dos soldados na fotografia como modelos, como por exemplo no portão frontal da Marina Corps Base Quantico⁴⁰, localizado também na Virgínia, em um parque de diversões chamado Knoebels Amusement Resort na Pensilvânia⁴¹ e em Connecticut existe o National Iwo Jima Memorial dos Estados Unidos⁴² que foi erguido no 50º aniversário da criação da bandeira em Iwo Jima, além desses existem diversas outras réplicas.

No mesmo local em que foi fincada a bandeira e foi tirada a icônica fotografia, no Monte Suribachi em Iwo Jima, hoje existe um memorial em homenagem aos soldados⁴³. Porém o memorial não é uma réplica da estátua em Virgínia e sim uma arte própria, os soldados que passam por lá deixam itens pessoais como placas de identificação, patches de unidades e insígnias.

⁴⁰ Fonte: <<https://potomaclocal.com/2012/12/07/quanticos-iwo-jima-memorial-defaced/>> Acesso em 20 de Abril. 2019.

⁴¹ Fonte: <<http://www.negative-g.com/knoebels-amusement-resort/2004/ppp-saturday/knoebels-amusement-resort-2004-sat-4.htm>> Acesso em 20 de Abril. 2019.

⁴² Fonte: <<https://www.tripsavvy.com/national-iwo-jima-memorial-connecticut-landmark-1600324>> Acesso em 20 de Abril. 2019.

⁴³ Fonte: <<http://www.5thmarinedivision.com/monuments--memorials.html>> Acesso em 20 de Abril. 2019.



Figura 12 - Memorial Localizado no Monte Sutibachi em Iwo Jima.

Essa foto foi reproduzida e parodiada tantas vezes que é impossível contar⁴⁴, além dos exemplos citados, tornou-se escultura de gelo, areia, lego, carimbo, moeda, serviu para ativistas chamarem a atenção para problemas globais, para satirizar a política nos Estados Unidos e até no desenhos “Os Simpsons” a famosa pose dos soldados também foi representada, acabou tornando-se filme também como já dito anteriormente, quando uma fotografia torna-se icônica ela não tem prazo de validade, uma mera representação dela já é o bastante para lembrarmos da original. “Raising the Flag on Iwo Jima” tornou-se muito mais do que uma foto, ela conseguiu mudar o rumo da guerra, estampando a capa diversos jornais, foi usada como propaganda política, arrecadou milhões para os Estados Unidos, tornou-se símbolo da vitória nacional, tem estatuas espalhadas pelo mundo e continuará sendo reproduzida infinitas vezes, mesmo após a morte do fotógrafo a foto jamais será esquecida.

4.5 Resignificações

Para os americanos que viram essa foto estampando as capas dos jornais a guerra já estava até acabada, pois os soldados conseguirem chegar ao topo do monte significava a vitória quando na verdade ainda faltava quase um mês para o fim da batalha, já para os japoneses a fotografia significava a derrota, apesar do ideal deles fosse lutar até o último homem, porque a desonra para os japoneses era pior do que a própria morte.

⁴⁴ Fonte: <<https://news.usni.org/2015/02/23/iwo-jima-at-70-the-most-reproduced-and-parodied-photo-in-history>> Acesso em 29 de Maio. 2019.

Uma sociedade se recusa a lembrar um passado no qual tenha sido submetida a humilhações. [...] uma sociedade pode se lembrar daquilo que ela representa como injustiça do outro, mas não daquilo que ela representa como desonra, pois nesse caso estaria comprometida a imagem que ela constrói para si própria. (GONDAR, 2016, p.32-33)

De acordo com Eric Hobsbawm que cita um comentário oficial do governo indiano:

A Bandeira Nacional, o Hino Nacional e as Armas Nacionais são os três símbolos através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania. Por isso, eles fazem jus a um respeito e a uma lealdade imediata. Em si já revelam todo o passado, pensamento e toda a cultura de uma nação. (HOBBSAWM, 1984, p.19)

Tanto a bandeira quanto as forças armadas na foto significavam um nacionalismo muito forte para os americanos, afinal os fuzileiros estavam na guerra lutando pelo país deles e finalmente já se podiam considerar vitoriosos, a bandeira daquela nação estava fincada em outra país, o amor pela pátria se tornou ainda mais forte.

Para Jean Bastardis “documentos podem ser coisas diferentes, de acordo com a concepção de história a que servem” (BASTARDIS, 2012, p.17) sendo assim para cada história, para cada pessoa o mesmo documento, a mesma foto terá uma interpretação diferente, dependendo da visão ou da situação em que a pessoa se encontra, diferentes gerações, diferentes sociedades, um mesmo objeto terá múltiplas interpretações.

E por causa disso não podemos considerar os documentos puros, há diversas “camadas de realidades”⁴⁵, reafirmando isso Bastardis nos diz que:

Impossível também seria – e disso já temos consciência – afirmar que nossos documentos/argumentos são inquestionáveis fontes de onde jorra o passado. (BASTARDIS, 2012, p.19)

Acompanhando Jacques Le Goff em um trecho que discorre sobre a revolução documental operada na historiografia contemporânea, podemos afirmar que não existe um documento completamente verdadeiro, visto que todos constituem uma construção “falsa” – e verdadeira, ao mesmo tempo – porque montada com elementos selecionados em diversas situações. Documentos constituem palimpsestos que jamais são finalizados e aglutinam incontáveis rastros das épocas que os legaram a nós. (BASTARDIS, 2012, p.16)

De acordo com Rafael Sêga:

As representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. As pessoas tornam-se

⁴⁵ Jean Bastardis, O Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica e seu significado para a preservação de arquivos no IPHAN, p.19.

receptivas a manifestações que anteriormente lhes havia escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações. (Sêga, 2000, p.132)

Percebemos assim que nossa realidade não é neutra, ela está sempre em construção e em constante transformação, a realidade de uma pessoa não é a mesma realidade para a outra, assim como a forma que alguém via o mundo à cinco anos atrás hoje em dia já se modificou essa visão, não é mais a mesma.

Para Ira Hayes ser reconhecido naquela fotografia era horrível, afinal ele teria que sair da guerra e fingir ser uma coisa que não era, dando falsos sorrisos para a multidão, tanto é que ele bebia para fugir dessa realidade e no final acabou voltando para a guerra. Já para René Gagnon era maravilhoso aparecer nos holofotes e ser reconhecido como um dos soldados que segurou a bandeira, a fama repentina era algo incrível, o que depois de alguns anos se modificou quando esse não conseguia arrumar trabalho, nem mesmo sendo reconhecido pela foto, o que antes era motivo de orgulho, tornou-se algo comum, uma memória do passado.

Para a mãe de Harlon Block o seu filho estava na foto, fincando a bandeira no monte Suribachi, porém para toda sociedade e até mesmo para a sua família ela estava enganada, afinal o nome que estava no jornal não era de Harlon e sim de Henry Hansen e apenas por isso todos desacreditaram nela, afinal:

Procuramos as informações que confirmam nosso ponto de vista e negligenciamos as que possam enfraquecê-lo. (SÊGA, 2000, p.131)

Precisamos das histórias e das narrativas alheias para confirmar e estabilizar nossas memórias. (JEDLOWSKI, 2005, p.89)

E o ponto de vista de Ada Belle Brantley (mãe de Harlon) enfraquecia a de todos os outros, inclusive os próprios soldados sabiam da verdade porém por causa da mídia não podiam revelar a verdadeira identidade do soldado, pois a mídia construiu aquela memória, e não queria quebra-la dizendo ao público que erraram ao descobrir quem era o outro soldado.

Pode ser dito que a mídia, como assuntos específicos da esfera pública nas sociedades contemporâneas, trabalha para construir uma *memória pública mediada*, entrelaçada com a memória construída através da interação face a face nos grupos e com as memórias pessoais dos indivíduos. (JEDLOWSKI, 2005, p.95)

Os meios de comunicação de massa são atores poderosos no processo da construção social. (JEDLOWSKI, 2005, p.89)

O passado de uma sociedade estará sempre em disputa com diferentes memórias, com opiniões divergentes, entre os dominantes e as minorias.

Quanto mais complexa uma sociedade e maior o número de grupos competindo para dominá-la, mais o passado se torna sujeito a estratégias de imposição de representações que mais se adequam aos interesses dominantes, ou, pelo menos, sujeito a comprometimentos e negociações entre interesses contrastantes. (JEDLOWSKI, 2005, p.88)

A mãe de Harlon poderia ter apenas concordado com a maioria e aceitado que estava errada, porém ela nunca fez isso, até que Ira lhe disse a verdade e por fim o castelo de cartas que haviam criado sobre essa mentira se desfez e foi preciso a construção de uma nova memória pública.

Para Joe Rosenthal a foto significava que os soldados e a guerra que existia lá fora teria mais visibilidade para os americanos que já estavam tão cansados e desanimados com as constantes batalhas.

Palavras do próprio Joe em uma entrevista:

“Esta imagem fez bastante para atrair a atenção das pessoas para o que aqueles homens estavam fazendo lá fora, e eles querem saber mais sobre a história que tipo de batalha foi, qual a coragem e tenacidade deles e as grandes perdas. grandes sacrifícios.”⁴⁶

Joe sentia que de alguma forma ele tinha alguma participação na batalha, e tinha afinal a foto dele ajudou e muito para arrecadação de dinheiro para o governo americano, e ele conseguiu e recebeu muitas coisas graças a essa nova fama, inclusive o prêmio Pulitzer, sua foto e sua memória estarão eternamente na história da sociedade e seu nome gravado no memorial de guerra do Corpo de Fuzileiros Navais na Virginia, sua foto foi muito mais do que uma foto, foi uma forma de deixar seu nome gravado na história.

Vemos assim que para cada pessoa uma mesma foto significou tantas coisas diferentes, diferentes lados da história, opiniões contrárias, situações divergentes e graças a isso, a esses diferentes discursos a história, a memória está sempre em construção, procurando um apoio para se fixar e deixar seu legado.

⁴⁶ Fonte < <https://www.pulitzer.org/article/joe-rosenthal-and-flag-raising-iwo-jima>> Acesso em 24 Junho. 2019

5. Considerações Finais

Percebemos assim com esse trabalho, que fotografia, memória e representações sociais estão conectadas.

A memória é uma parte importante do arquivo, os documentos carregam consigo o resultado de intenções passadas de arquivistas ou historiadores, eles se constituem em obras humanas que registram, de modo fragmentado, informações ricas e complexas sobre relações coletivas.

Os arquivos são templos modernos - templos da memória. Como instituições, tanto como coleções, os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas. Igualmente, as que são rejeitadas por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos da memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e de nossa consciência social. (COOK, 1997 p.143)

Fotografia e memória estão interligadas, a fotografia simplesmente não existe sem uma memória por trás dela, sempre vai haver uma lembrança em conjunto com a foto, seja ela boa, ruim ou nostálgica, as duas se confundem, pois a fotografia é a memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social, uma fonte inesgotável tanto de informação quanto de emoção, afinal quem nunca sorriu ou chorou diante de uma foto? Ela é um documento que retém uma imagem retirada de um instante da vida, enquanto a vida continua a fluir ininterruptamente.

Investigar a articulação entre memória e representações sociais é útil para a compreensão da sociedade e dos personagens que de alguma forma se conectam a essa foto. Podemos assim adentrar pelo menos por alguns instantes na vida dessas pessoas.

A fotografia que antes era destinada apenas à pessoas de classe alta, hoje em dia está nas mãos de toda a população, nos celulares de cada um, acabou quase tornando-se algo banal, tirando diversas fotos por minuto após muitos anos de evolução, existindo assim um grande acúmulo de fotos, sem a devida preservação que é necessária, percebe-se que provavelmente daqui a alguns anos metade dessas fotos não existirão mais, sendo perdidas por suportes obsoletos.

Percebemos assim que uma fotografia pode sim mudar a história, que em uma mesma fotografia pode haver múltiplas interpretações e diversos usos e que se ela tivesse tido uma descrição adequada, não haveria dois erros de soldados na história.

Observamos que infelizmente foi impossível saber com exatidão o estado atual de preservação do negativo dessa icônica fotografia, pois não conseguimos obter acesso e muito menos informações exatas sobre ele, acreditamos que ele deveria estar exposto em um arquivo ou museu com os devidos usos de conservação em vez de simplesmente guardado em uma caixa, afinal é uma foto com grande teor histórico. Lamentavelmente percebemos em nossas buscas por referenciais teóricos que quase não existe pesquisas ou trabalhos acadêmicos sobre a junção desses três temas – fotografia, memória e ressignificação – na área da Arquivologia e o número é nulo quando se procura sobre a fotografia “*Raising the flag on Iwo Jima*” dificultando um pouco assim o nosso trabalho, acreditamos que a visibilidade sobre esse conteúdo deveria ser maior, pois ainda é uma área pouco explorada que poderia render bons frutos.

REFERÊNCIAS

5TH Marine Division Monuments & Memorials. Disponível em: <<http://www.5thmarinedivision.com/monuments--memorials.html>> Acesso em: 20/04/2019

2ª Guerra Mundial: 1. A batalha de Iwo Jima. Disponível em: <https://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/historia/iwo_jima>. Acesso em: 20/01/2019

ARAUJO, Leonardo. **10 fotografias históricas que viraram peças publicitárias.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/10-fotografias-historicas-que- viraram-pecas-publicitarias/>> Acesso em: 15/05/2019

BARBOSA, Neusa. **Novo filme de Eastwood mostra lado japonês na 2ª Guerra.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/novo-filme-de-eastwood-mostra-lado-japones-na-2a-guerra-4215540>>. Acesso em: 03/04/2019

BARROS, Dirlene Santos. AMELIA, Dulce. **Arquivo e Memória: uma relação indissociável.** Campinas: Transformação, 2009.

BASTARDIS, Jean. **O Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica e seu significado para a preservação de arquivos no IPHAN.** Dissertação apresentada no curso de mestrado. 2012.

Battle of Iwo Jima Japanese Defense. Disponível em: <<http://www.battle-fleet.com/pw/his/Battle-Iwo-Jima-Defense.htm>> Acesso em: 25/03/2019

BECKIUS, Kim Knox. **National Iwo Jima Memorial.** Disponível em: <<https://www.tripsavvy.com/national-iwo-jima-memorial-connecticut-landmark-1600324>> Acesso em: 20/04/2019

BELCHER, Katherine. **Torii Station Soldiers visit Iwo Jima.** Disponível em: <https://www.army.mil/article/102724/torii_station_soldiers_visit_iwo_jima> Acesso em: 08/05/2019

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**. 1987.

BRADLEY, James; POWERS, Ron. **A Conquista da Honra**. Ediouro, 2006.

Buy your Extra Bonds Here – 7TH War Loan. Disponível em:
<<http://www.fortmissoulamuseum.org/WWII/detail.php?id=285>> Acesso em:
25/04/2019

CALVINO, Ítalo. **A memória do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p.
127-133.

CAMARNEIRO, Fabio Diaz. **A Conquista da Honra (Flag of Our Fathers), de Clint Eastwood (EUA, 2006)**. Disponível em:
<<http://www.revistacinetica.com.br/flagsfabio.htm>> Acesso em: 03/04/2019

COOK, Terry. **Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais**: para um Entendimento Arquivístico Comum da Formação da Memória em um Mundo Pós-Moderno. Rio de Janeiro: Estudos Históricos nº21, 1998, p.129-150.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. **A fotografia como objeto e recurso de memória**, 2007.

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v.9, n.15, 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Memória coletiva e história científica**. Conferência proferida por ocasião do I congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais, S. Joao del Rei, Universidade de São Paulo, maio de 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Revista dos tribunais Ltda, 1990.

HANSEN, Matthew. **New mystery arises from iconic Iwo Jima image**: History buffs' analysis of the famous World War II photo challenges a long-assumed truth. Disponível em: <<https://dataomaha.com/media/news/2014/iwo-jima/>>. Acesso em: 04/05/2019

HEYMANN, Luciana Quillet. **Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro**: Memória, acervo e legado. Rio de Janeiro: Estudos Historicos nº36, 2005, p.43-58.

HOBBSAWN, Eric; RANGER. Terence (orgs). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Iwo Jima. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/world-war-ii/battle-of-iwo-jima>> Acesso em: 25/05/2019.

JEDLOWSKI, Paolo. **Memória e a Mídia; uma perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Museu da República. 2005.

JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. UFRJ- Faculdade de Educação, dezembro 1993.

Joe Rosenthal and the flag-raising on Iwo Jima. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/article/joe-rosenthal-and-flag-raising-iwo-jima>>. Acesso em: 24/06/2019

Knoebels Amusement Resort. Disponível em: <<http://www.negative-g.com/knoebels-amusement-resort/2004/ppp-saturday/knoebels-amusement-resort-2004-sat-4.htm>> Acesso em: 20/04/2019

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ªed. Ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ªed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.

Letters from Iwo Jima. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20071212233438/http://worldwar2database.com/html/letters_from_iwo_jima.htm> Acesso em 25/03/2019

LORENTI, Gilson. **Raising the Flag on Iwo Jima — 70 anos de uma das imagens mais conhecidas do século XX**. Disponível em:

<<https://meiobit.com/310623/raising-flag-iwo-jima-70-anos-de-uma-das-imagens-mais-conhecidas-seculo-xx/>> Acesso em: 03/02/2019

LORENTI, Gilson. **Raising the Flag on Iwo Jima — identidade de soldado é revelada depois de 70 anos**. Disponível em: <<https://meiobit.com/346900/raising-the-flag-on-iwo-jima-identidade-de-soldado-e-revelada-depois-de-70-anos/>> Acesso

em: 13/01/2019

MENESES, Ulpiano T Bezerra. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público**, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de S. SANCHES, Odécio. **Quantitativo – Qualitativo:**

Oposição ou complementaridade? Rio de Janeiro: Cad. Saúde Públ. 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21ªed. Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. São Paulo: Proj. História, 1993.

OLIVEIRA, Erivam Moraes. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia Digital**, 2006.

Office of U.S. Marine Corps Communication. **USMC Statement on Iwo Jima Flag Raisers**. Disponível em: <<https://www.marines.mil/News/News->

Display/Article/810457/usmc-statement-on-iwo-jima-flagraisers/> Acesso em: 12/01/2019

PATTERSON, Thom. **The inside story of the famous Iwo Jima photo**. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2015/02/22/world/cnnphotos-iwo-jima/index.html>> Acesso em: 10/02/2019

PERKINS, Andy. **Photo History: Raising the Flag on Iwo Jima**. Disponível em: <<https://improvephotography.com/52210/photo-history-raising-flag-iwo-jima/>> Acesso em: 25/04/2019

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, vol 2, n.3, p.3-15. 1989.

Potomac Local. **Quantico's Iwo Jima Memorial Defaced**. Disponível em: <<https://potomaclocal.com/2012/12/07/quanticos-iwo-jima-memorial-defaced/>> Acesso em: 20/04/2019

QUINTEIRO, Sílvia. **Memórias do Mundo**. 2006.

Rosenthal Iwo Jima. Disponível em: <<http://www.apimages.com/metadata/Index/Watchf-AP-A-NY-USA-APHS476875-Rosenthal-Iwo-Jima/92a14e7568474f2c90604aac2c001647/10/0 A>> Acesso em: 10/05/2019

SÁ, Celso Pereira de. **Memória, Imaginário e Representações sociais**. Rio de Janeiro: Coleção Memória Social, 2005. p. 88 – 98.

SANTOS JUNIOR, Natalicio Batista dos. **Fotografia e memória: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização**. Revista Belas Artes, v. 1, p. 1-17, 2009.

Schmidt, Michael S. **EUA descobrem que soldado de foto icônica da Segunda Guerra não estava na imagem.** Disponível em:

<<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2016/06/24/exercito-dos-eua-confirma-homem-da-foto-em-iwo-jima-teve-identidade-trocada.htm>>. Acesso em: 04/05/2019

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici.** n.13 Porto Alegre: anos 90, 2000.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Companhia das letras. 1977.

SUCUPIRA, Andre. **Uma Guerra, duas batalhas, três versões: Cartas de Iwo Jima e A Conquista da Honra.** Disponível em:

<<https://medium.com/@AndreSucupira/cartas-de-iwo-jima-e-a-conquista-da-honra-um-episodio-dois-pontos-de-vista-baf4249c5b7d>> Acesso em: 10/04/2019

US Naval Institute Staff. **The Iconic Image from Iwo Jima: The Most Reproduced and Parodied Photo in History?** Disponível em:

<<https://news.usni.org/2015/02/23/iwo-jima-at-70-the-most-reproduced-and-parodied-photo-in-history>>. Acesso em: 29/05/2019

Warfare History Network. **Raising the Flag on Iwo Jima: The Story of the One of the Most Famous Photos of All Time.** Disponível em:

<<https://nationalinterest.org/blog/raising-flag-iwo-jima-story-one-most-famous-photos-all-time-26421?page=0%2C2>>. Acesso em: 25/05/2019

Willingham, AJ. **Are false memories to blame for Iwo Jima flag-raising dispute?**

Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/05/05/health/iwo-jima-false-memories/index.html>>. Acesso em: 24/03/2019